

Perguntas inusitadas: o que são e processos que as silenciam

Insightful questions: what are and processes that it silence

Resumo

O presente ensaio, que faz parte de uma pesquisa de mestrado, define o termo *perguntas inusitadas*, utilizando conceitos da Análise de Discurso francesa (ORLANDI, 1996; 2015), e discute alguns elementos intrínsecos e extrínsecos que silenciam estas perguntas em sala de aula. Debruçamo-nos em três destes processos que interdita o dizer, censurando/limitando o que vai ser ou não trabalhado em sala de aula: a ditadura militar no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular e o movimento Escola sem Partido. Fica claro para nós, a importância de discutir, refletir e considerar as perguntas que os(as) alunos(a) fazem no contexto escolar, além de entender os silenciamentos presentes em nossa prática enquanto professores(as), de forma a resistir a estes processos.

Palavras chave: perguntas inusitadas, análise de discurso, silenciamento, censura, discurso autoritário.

Abstract

The present essay, which is part of a master's research, defines the term *insightful questions* using concepts from French Discourse Analysis (ORLANDI, 1996; 2015) and discusses some intrinsic and extrinsic elements that silence these questions in the classroom. We focus in three of these processes that interdict the saying, censoring/limiting what will or will not be worked in the classroom: the military dictatorship in Brazil, the BNCC and the movement Escola sem Partido. It is clear to us, the importance of discussing, reflecting and considering the questions students ask in the school context, as well as understanding the silences present in our practice as teachers in order to resist this process.

Key words: insightful questions, discourse analysis, silencing, censorship, authoritative discourse.

Uma introdução às perguntas

Dar aula de ciências implica em ouvir perguntas de alunos(as) sobre astronomia, funcionamento de algum objeto, composição da matéria, o que pode acontecer em determinadas experiências, etc. Por exemplo: *Por que o ímã atrai metal por todos os lados, se este possui um polo negativo e um positivo?*¹; *O que acontece se misturarmos todos os elementos da Tabela Periódica?* Perguntas dessa natureza demonstram curiosidade, criatividade e interesse. A este tipo de questão feita pelos(as) estudantes, denominamos e

¹Embora a pergunta tenha um erro conceitual, optamos por transcrevê-la da forma que o próprio aluno a elaborou. Destacamos aqui, que a formulação de algumas perguntas inusitadas exige um esforço mental em termos de organização dos conceitos pré-estabelecidos para elaboração da mesma.

definimos *perguntas inusitadas*, visto que na literatura da área de Educação em Ciências, não existe um termo específico para as mesmas. Assim, o objetivo deste trabalho é definir e delimitar determinada categoria de perguntas que estamos estudando e discutir alguns processos que as silenciam.

Compreendendo os possíveis sentidos da palavra *inusitado*, recorremos a etimologia da mesma. Inusitado, em latim, é *inusitatus*, a junção de *in* (negação) mais *usus* (uso). Inusitado quer dizer fora de uso, incomum, excepcional, inabitual (MICHAELIS, 2017). Já a palavra *pergunta*, do latim *percontāri*, significa “inquirir, interrogar, questionar; sondar, no sentido moral” (MARTA, 2011).

Perguntas inusitadas, no âmbito da sala de aula, seriam então aquelas perguntas mais incomuns, excepcionais, que eventualmente são feitas e que revelam uma grande perspicácia do(a) aluno(a) em fazê-la. Podemos compreendê-las também como perguntas extraordinárias, perspicazes, absurdas, etc. Baseado em seus conhecimentos, o(a) estudante põe em conflito algumas ideias pré-estabelecidas demonstrando movimentos de reflexão, curiosidade e criatividade.

Geralmente elas têm como ponto de partida algum conteúdo ministrado pelo(a) professor(a), mas não são dúvidas pontuais, são *insights* que o(a) aluno(a) tem durante a aula ao refletir, fazer correlações, por em conflito suas ideias.

Como os sentidos para a palavra pergunta são diversos, utilizaremos alguns conceitos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), baseados nas obras de Orlandi (1996; 2015), para delimitar e compreender melhor o que definimos como *pergunta inusitada*.

As perguntas inusitadas e a Análise de Discurso francesa

Como o sujeito, a linguagem e os sentidos são incompletos, “não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo” (ORLANDI, 2015, p. 36). Assim, para produzir sentidos é preciso haver repetição; é preciso reiterar o pré-existente para instituir o novo. Portanto, para Orlandi, existem três formas de repetição:

- a. a repetição empírica (mnemônica) que é a do efeito papagaio, só repete;
- b. a repetição formal (técnica) que é um outro modo de dizer o mesmo;
- c. a repetição histórica, que é a que desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, no seus percursos (ORLANDI, 2015, p. 52).

As *perguntas inusitadas* seriam então, uma repetição histórica, que permite o deslocamento dos sentidos, o deslize, o sentido outro, aquilo que foge. Além disso, o modo de funcionamento da linguagem se baseia na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação (ORLANDI, 2015, p.34).

A polissemia então, que permite o rompimento, o deslize, o sentido outro é a base para a construção de *perguntas inusitadas*. No processo de produção de novos sentidos sobre determinado conceito, o(a) aluno(a) se vê diante de alguma questão e então a faz para o(a) professor(a) na tentativa de ressignificá-los.

Outro ponto importante que nos ajuda a definir as *perguntas inusitadas* é a diferença entre criatividade e produtividade. Para Orlandi (2015), a produtividade é a reprodução de processos já estabilizados, o retorno ao mesmo, o dizível. No entanto, ela define a criatividade como: “ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes” (ORLANDI, 2015, p.35).

Pensando no contexto da sala de aula e no modo de se considerar os sentidos, as perguntas marcadas pela produtividade seriam aquelas que questionam o mesmo, o já estabelecido, o repetível. Seriam, por exemplo: “qual o número atômico do carbono?”; “quantos elétrons têm o Fe^{2+} ?” São questionamentos que os(as) estudantes nos fazem repetindo ou reiterando uma questão com base nos dizeres do(a) professor(a), do livro didático, de uma vídeo-aula, de um filme.

Já as *perguntas inusitadas* são processos criativos que deslocam os sentidos. Orlandi (2015, p.36) afirma que “para haver criatividade é preciso um trabalho que ponha em conflito o já produzido e o que vai-se instituir. Passagem do irrealizado ao possível, do não-sentido ao sentido”. Isto é, são aquelas perguntas que surgem do conflito entre o que o(a) aluno(a) já sabe, do mesmo, do parafrástico e o novo, o desconhecido, o desafio, o não-sentido, o polissêmico.

Para compreendermos melhor o contexto no qual essas perguntas surgem, trazemos a definição de discurso que é o “efeito de sentidos entre interlocutores” (ORLANDI, 2015, p.67). Segundo Orlandi (1996), existem três formas de funcionamento do discurso: polêmico, lúdico e autoritário.

[...] no discurso lúdico, há a expansão da polissemia pois o referente do discurso está exposto à presença dos interlocutores; no polêmico, a polissemia é controlada uma vez que os interlocutores procuram direcionar, cada um por si, o referente do discurso e, finalmente, no discurso autoritário há a contenção da polissemia, já que o agente do discurso se pretende único e oculta o referente pelo dizer (ORLANDI, 1996, p. 29, grifo nosso).

Vale destacar que não existe um discurso estritamente autoritário, polêmico ou lúdico, pois estes discursos se imbricam e se articulam. Na escola, veicula-se o discurso pedagógico (DP), que, da maneira como ele se apresenta, funciona como discurso autoritário (ORLANDI, 1996). Ele assim o é, pois se apresenta como monológico, não permitindo a dialogia.

O(A) professor(a) quando assume esse discurso, detém “a verdade”, silenciando e censurando o outro, no caso o(a) aluno(a). As perguntas deste tipo assumem a forma imperativa, ou seja: “[...] as questões são *questões obrigativas* (parentes das perguntas retóricas). Exemplo: exercícios, provas, cuja formulação é: ‘*Responda: ...?*’. São questões diretas a que se dá o nome de ‘questões objetivas’” (ORLANDI, 1996, p.17). Em sua forma mais autoritária, essas questões se individualizam em “perguntas diretas e sócio-cêntricas: ‘Não é verdade?’, ‘Percebem?’, ‘Certo?’, etc.” (ibid, p.17).

Resumindo o termo *perguntas inusitadas*, apresentamos este esquema alicerçado em alguns conceitos da Análise de Discurso (ORLANDI, 1996; 2015).

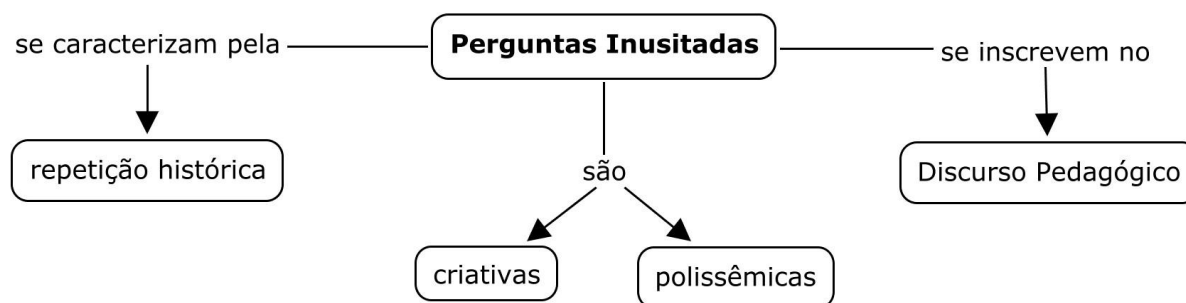


Figura 1: Síntese das *perguntas inusitadas*

As *perguntas inusitadas* e o silenciamento

De acordo com Orlandi (2007), o silêncio é produtor de sentidos e assim como as palavras são múltiplas, os silêncios também o são. A forma do silêncio que nos debruçaremos neste trabalho é a política do silenciamento (ou silêncio local), aquela que censura e silencia o outro. “A censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proíbem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições” (ORLANDI, 2007, p.104). Este silêncio, entre tantos condicionantes, censura o sujeito e suas perguntas.

Estes processos de silenciamento inscrevem-se na história e afetam a escola e suas relações dentro dela. Assim questionamos: quantos e quais mecanismos o Estado, a escola, a direção pedagógica, o(a) professor(a) e demais envolvidos utilizam que censuram as perguntas em sala de aula?

Pensando nisso, propomos uma classificação destes silenciamentos em dois tipos e apontaremos como eles vêm censurando as perguntas e os sujeitos presentes na escola, principalmente o(a) estudante.

- **Silenciamentos extrínsecos:** são aqueles que surgem e são elaborados fora do contexto escolar, mas que influenciam diretamente na dinâmica da escola. Por exemplo: a ditadura militar no Brasil, a Reforma Trabalhista, a Reforma do Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o movimento Escola sem Partido (ESP), as avaliações externas, etc.

- **Silenciamentos intrínsecos:** são aqueles que são produzidos e reproduzem-se dentro do espaço escolar e da sala de aula. São eles: o funcionamento fabril da escola (as hierarquias, as normas, a organização do tempo, do espaço, o controle dos corpos, etc.), o DP autoritário, conflitos nas relações professor(a)-aluno(a) e aluno(a)-aluno(a) (bullying, medo, timidez, etc.), as avaliações internas, etc.

Estes elementos extrínsecos e intrínsecos se afunilam no *modus operandi* dentro de sala de aula, fazendo com que muitas vezes as perguntas, a criatividade e as atividades estimuladoras e reflexivas sejam sufocadas pelos conteúdos do currículo.

Aprofundaremos, neste trabalho, em apenas três silenciamentos extrínsecos: ditadura militar, BNCC e ESP. Cronologicamente, temos as reformas educacionais provenientes da ditadura militar que culminaram num ensino tecnocrático, produtivista e autoritário não havendo abertura para criatividade e autonomia (SILVA e ROCHA, 2015). Na conjuntura atual, temos vigente a BNCC do ensino fundamental, que apagam pesquisas no campo da educação e se utiliza de um discurso de leis para se fazer cumprir (AUTOR 2, 2017). Por fim, apontamos uma perspectiva futura que censura o currículo e o(a) professor(a), ameaçando a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, inclusive a democracia: o projeto Escola sem Partido

(FRIGOTTO, 2017).

No período da ditadura militar (1964-1985), foram realizadas reformas no ensino incorporando a pedagogia tecnicista. Este modelo tinha objetivo de despolitizar a educação, preparando mão de obra para o trabalho.

A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a pedagogia tecnicista advogou a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretendeu-se a objetivação do trabalho pedagógico. (SAVIANI, 2013. p.381 *apud* SILVA e ROCHA, 2015, p.3).

Assim, o Estado totalitário revestiu de autoritarismo a educação, interditando o pensamento crítico e a criatividade. Faundez e Freire (2017) afirmam que: “O que se pretende autoritariamente com o silêncio imposto, em nome da ordem, é exatamente afogar nele a indagação” (p.69). Este discurso autoritário, contendo a polissemia e apagando o ouvinte, ainda está presente nos dias de hoje e se materializa no currículo.

Nesse sentido, discutiremos o currículo vigente: a BNCC. Sem a pretensão de compará-la à forte censura imposta pela ditadura e pelas ideias da ESP, levantamos algumas considerações sobre os silenciamentos presentes na BNCC. O documento, aprovado em 2017, define as aprendizagens a serem desenvolvidas pelos(as) estudantes ao longo da educação infantil e ensino fundamental. A versão para o ensino médio ainda não está finalizada, dada a necessidade de articulação com a reforma do ensino médio. Uma análise da BNCC da área de ciências da natureza revela que:

Quanto aos textos nos quais nasce e para os quais aponta, vimos a predominância do discurso da lei, caracteristicamente autoritário, sobre outros gêneros discursivos, e também a entrada do discurso neoliberal a partir da referenciação de textos de organismos internacionais como OECD, ONU e também de uma organização da sociedade civil brasileira, o CENPEC. Já no caso das ciências da natureza, ocorre um silenciamento das fontes, marcado pela inexistência de citações diretas e/ou indiretas (AUTOR 2, 2017).

Além disso, “a BNCC aponta para uma formação de sentidos ligados a efeitos como o da obediência e o do cumprimento compulsório” (AUTOR 2, 2017), visto que baseia-se em leis e no discurso autoritário das mesmas, devendo o(a) professor(a) obedecê-la. Assim sendo, o(a) professor(a) tendo que cumprir este currículo, pode acabar silenciando perguntas que não se encaixam dentro do planejamento.

Outra forma de silenciamento que se utiliza também do discurso da lei, pretendendo-se fazer cumprir é a perspectiva- ainda futura- do Escola sem Partido (ESP). O movimento que foi criado em 2004 por Miguel Nagib, deseja aprovar um projeto de lei que censura a liberdade de cátedra e coloca em risco o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas. Desuperficializando a palavra sem do ESP:

Ao por entre aspas o termo “sem” da denominação Escola sem Partido, quer-se sublinhar que, ao contrário, trata-se da defesa, por seus arautos, da escola do partido absoluto e único: partido da intolerância com as diferentes ou antagônicas visões de mundo, de conhecimento, de educação, de justiça, de liberdade; partido, portanto, da xenofobia nas suas diferentes facetas: de gênero, de etnia, da pobreza e dos pobres etc.. Um partido que ameaça os fundamentos da liberdade e da democracia (FRIGOTTO, 2017, p.31).

Em termos discursivos, a palavra sem tem o efeito de apagar e de silenciar não uma suposta

“doutrinação” ideológica, mas sim silenciar os(as) próprios(as) professores(as). Logo,

[...] coloca o professor no lugar do elemento perigoso, que precisa ser contido, calado e “amordaçado” para não ameaçar e contrariar a liberdade de consciência e de crença dada pela educação familiar (BÁRBARA et al., 2017, p.108).

Ao silenciar o(a) professor(a) e suas concepções pedagógicas, censura-se também o pluralismo de ideias. Desta maneira, a formação do(a) aluno(a) limita-se a um ensino tecnocrático, mnemônico e produtivista que tenta conter a polissemia, a criatividade e a reflexão. Pode afetar então, o surgimento das *perguntas inusitadas*.

Resumidamente, estamos diante de processos de silenciamento quando a ditadura implementa um ensino sem reflexão, criatividade e crítica; a BNCC funciona como discurso autoritário em que não dialoga com os(as) educadores(as) e pesquisadores(as), mas determina que se cumpra a normativa e o movimento ESP deseja ditar o que pode e o que não pode ser trabalhado em sala de aula. Diversos conhecimentos, que poderiam ser discutidos, refletidos e trabalhados sob diferentes pontos de vista e filiações teóricas e por diferentes sujeitos, são interditados. Assim, as formas de silenciamento sobre e na escola se intensificam de maneira sinérgica. Contudo, as *perguntas inusitadas* ao serem interdidadas/censuradas, também podem deslocar seus sentidos transformando-se numa forma de resistência ao funcionamento do discurso autoritário.

Conclusões

Assim como a ciência se move por meio de perguntas, o ensino da mesma deve também contemplar e estimular os questionamentos de estudantes em sala de aula. Porém, existem processos de silenciamento que interditam as *perguntas inusitadas* e por isso é importante pesquisar sobre elas, de forma a construir um ensino de ciências dialógico, que considera o dizer do ouvinte e o faz refletir.

Entretanto, destacamos que sempre há resistência. “A censura é um sintoma de que ali pode haver outro sentido. Na censura está a resistência. Na proibição está o ‘outro sentido’”(ORLANDI, 2007, p.118). Funcionando o DP de modo autoritário, o que professores(as) e estudantes podem fazer em sala de aula para mudar isto? Orlandi (1996) propõe tornar o discurso autoritário em polêmico. Nesse sentido, ela sugere que o(a) docente (autor) exponha-se a possíveis efeitos de sentido ao construir seu discurso e que ele(a) abra espaço para o outro, sendo ouvinte e locutor do próprio texto. Ao estudante (ouvinte), cabe negar o discurso autoritário que fixa o ouvinte enquanto ouvinte e o locutor enquanto locutor. Essa negação pode partir das *perguntas inusitadas*, deslocando o funcionamento do discurso autoritário para o discurso polêmico, de modo a considerar suas perguntas e inquietações.

Agradecimentos e apoios

À CAPES.

Referências

- BÁRBARA, I.S.M.S.; CUNHA, F.L.; BICALHO, P.P.G. Escola sem Partido: visibilizando racionalidades, analisando governamentalidades. **In: Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 105-120.
- FREIRE, P. FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. 8 ed. Rio de Janeiro/São

Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRIGOTTO, G. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In: **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p.17-34.

INUSITADO. In: **Dicionário Michaelis**. Ed.: Melhoramentos, 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=inusitado>>. Acesso: 22/08/2017.

MARTA, E. **A diferença entre pergunta e questão**. Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, 2011. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-diferenca-entre-pergunta-e-questao/29577>>. Acesso: 22/08/2017.

ORLANDI, E.P. **A Linguagem e Seu Funcionamento: as Formas do Discurso**. 4 ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas: Unicamp, 2007.

SILVA, L.S.N.; ROCHA, F.R.P. O tecnicismo e as reformas educacionais no contexto da ditadura militar. In: **Anais do II Congresso Nacional de Educação**, Campina Grande, 2015, p.1-13.